

A CRIAÇÃO AUDIOVISUAL INFANTIL NO CINEMA DE ANIMAÇÃO: UMA ANÁLISE DO FILME “NO CAMINHO DA ESCOLA”

Tobias REZENDE, (UFJF)¹
Gabriela BORGES, (UFJF/UAlg)²

Resumo: O artigo tem como objetivo aproximar as discussões sobre infância, audiovisual e imaginário, analisando a animação *No Caminho da Escola* (2017), desenvolvida por crianças de Vitória - ES no âmbito do Projeto Animação do Instituto Marlin Azul. Por meio do protocolo teórico-metodológico desenvolvido no Observatório da Qualidade no Audiovisual (Borges; Sigiliano, 2021), busca-se refletir sobre os processos de criação do filme, abarcando o plano da expressão, o plano do conteúdo e a mensagem audiovisual da obra. Conclui-se que a obra consegue abordar de forma lúdica temas pertinentes à infância, atuando positivamente na ampliação de horizonte do público ao compartilhar perspectivas de pouca expressividade no audiovisual hegemônico com originalidade e criatividade no uso da linguagem audiovisual. Nesse sentido, problematiza-se as visões deficitárias do imaginário infantil e compreende-se as crianças como produtoras de cultura.

Palavras-chave: Infância; Educação Midiática; Audiovisual Infantil

Resumen: El artículo tiene como objetivo aproximar las discusiones sobre infancia, audiovisual y imaginario, analizando la animación *No Caminho da Escola* (2017), desarrollada por niños de Vitória - ES en el ámbito del Projeto Animação del Instituto Marlin Azul. A través del protocolo teórico-metodológico desarrollado en el Observatório da Qualidade no Audiovisual (Borges; Sigiliano, 2021), se busca reflexionar sobre los procesos de creación del filme, abarcando el plano de la expresión, el plano del contenido y el mensaje audiovisual de la obra. Se concluye que la obra logra abordar de forma lúdica temas pertinentes a la infancia, actuando positivamente en la ampliación del horizonte del público al compartir perspectivas de poca expresividad en el audiovisual hegemónico con originalidad y creatividad en el uso del lenguaje audiovisual. En este sentido, se problematizan las visiones deficitarias del imaginario infantil y se comprende a los niños como productores de cultura.

Palabras clave: Infancia; Educación Mediática; Audiovisual Infantil

INTRODUÇÃO

As relações das infâncias com a mídia se transformaram significativamente nas últimas décadas, com o avanço da proliferação de telas, da convergência midiática e o aumento do acesso às mídias e tecnologias (Buckingham, 2007). Nas interações de jovens com as mídias digitais, cuja relação também é configurada por aspectos de classe social, gênero e raça, Buckingham (2008) aponta para a importância de se considerar como essas

¹ Mestrando no PPGCom da UFJF, pesquisador do Observatório da Qualidade no Audiovisual, bolsista Capes. E-mail: tobiasrsm@gmail.com

² Orientadora e professora do PPGCOM/UFJF e UAlg. E-mail: gaborges@ualg.pt

mídias configuram-se enquanto repertório simbólico para a construção ou expressão de suas próprias identidades.

Assim, é possível perceber que a mídia figura como importante componente na vida e no desenvolvimento das crianças, constituindo-se como um espaço de construção de identidades e participação cultural. Nesse contexto, os conteúdos midiáticos são apropriados e recriados pelas crianças nas interações com pares e adultos, integrando a mídia às culturas da infância (Nery, 2019). Além de receptoras ativas, as crianças também constituem-se cada vez mais como produtoras de mídia.

Nesse cenário, Girardello e Orofino (2012) apontam para o crescimento de práticas de produção midiática com crianças em contextos educativos nacionais, apesar de dificuldades estruturais e ausência de políticas públicas. A criação audiovisual infantil emergente destes contextos formativos formula-se então como um campo importante para fomentar a democratização do conhecimento e a inclusão social (Augustowsky, 2016).

A partir deste contexto, o artigo tem como objetivo aproximar as discussões sobre infância, mídia, audiovisual e representação, analisando a animação *No Caminho da Escola* (2017), desenvolvido por 90 alunos da rede municipal de ensino fundamental de Vitória - ES, no âmbito do Projeto Animação do Instituto Marlin Azul. A análise pretende investigar a qualidade audiovisual da obra, a partir da metodologia proposta por Borges e Sigiliano (2021).

AS CULTURAS DA INFÂNCIA

A concepção de infância é por vezes demarcada pela noção da falta. Assim, é possível observar na sociedade distintas representações da infância com base na ausência de certas características, como na visão adultocêntrica da criança enquanto o não-adulto, um sujeito em desenvolvimento e ainda incompleto, ou no espírito racionalista que consagra a infância como idade da não-razão, em torno da qual decorre a institucionalização da escola (Sarmiento, 2007).

A definição de infância pelo traço da negação é observado desde a etimologia da própria palavra, que nos remete ao latim *infantia*, referente à ausência da fala. Conforme ressalta Sarmiento (2003, p. 53, grifo do autor), “esta ideia do *deficit* é inerente à

negatividade na definição da criança, que constitui um pressuposto epistémico na construção social da infância pela modernidade”, em que a criança é o que não trabalha, não tem direitos políticos, não é imputável, não tem responsabilidade parental ou judicial, entre outros (Sarmiento, 2003).

Para Sarmiento (2003), a conceituação da infância pela negação também se expressa nas investigações sobre o imaginário infantil, que constitui uma das características mais estudadas dentre as formas específicas da relação das crianças com o mundo, com predominância de estudos na Psicologia, em especial as perspectivas psicanalíticas e construtivistas.

Para Freud, o imaginário infantil corresponde à expressão do princípio do desejo sobre o princípio da realidade, sendo o jogo simbólico uma expressão do inconsciente, para além da formação da censura. Para Piaget, o jogo simbólico é a expressão do pensamento autístico das crianças, progressivamente eliminado pelo processo de desenvolvimento e construção do pensamento racional. Apesar das diferenças essenciais entre as diversas orientações, sedimentadas na história da disciplina, as perspectivas psicológicas do imaginário infantil possuem um elemento comum, que é aliás inerente à própria concepção moderna da infância: o imaginário infantil é concebido como a expressão de um *deficit* - as crianças imaginam o mundo porque carecem de um pensamento objectivo ou porque estão imperfeitamente formados os seus laços racionais com a realidade (Sarmiento, 2003, p. 53, grifo do autor).

No cenário de mudanças no campo midiático, sobretudo com o desenvolvimento das mídias eletrônicas como a televisão e a internet, observamos como as transformações nas relações estabelecidas entre as crianças e a mídia também possuem reflexos nas concepções e representações da infância. Nesse contexto, situa-se a visão de que os meios eletrônicos diluíram, ou até apagaram completamente, as fronteiras entre a idade adulta e a infância, levando ao desaparecimento da infância, conforme proposto por Postman (1999). Para Sarmiento (2007, p. 35, grifo do autor), essa concepção produz “como que num encerramento do círculo da negatividade, a ideia de que as crianças actuais vivem, definitivamente, um processo de adultização precoce e irreversível, e, por consequência, habitam *a idade da não-infância*”.

Refletindo sobre a natureza mutante da infância e da mídia, Buckingham (2007) faz uma crítica não apenas à perspectiva catastrofista que considera que a infância estaria desaparecendo, mas também à visão excessivamente otimista sobre as apropriações tecnológicas por parte das crianças, enaltecendo aptidões tecnológicas supostamente

natas às novas gerações, de modo que as mídias eletrônicas dariam maior liberdade e poder para crianças e jovens. Sem negar as mudanças significativas que têm ocorrido nas concepções de infância e na realidade das vidas cotidianas das crianças, o autor propõe que a relação entre mídia e infância não pode ser compreendida de maneira universal, sendo necessário considerá-la desde de uma perspectiva ampliada que envolve família, escola, comunidade e outros contextos culturais e socioeconômicos.

Nesse sentido, o autor chama a atenção para a infância enquanto uma construção social, conforme apontado pelos estudos de Ariès (1986). Nesse contexto, surgem no âmbito dos Estudos da Infância diferentes correntes sociológicas que passam a questionar as abordagens que olhavam para a criança enquanto categoria genérica, como um modelo ideal debatido em termos do desenvolvimento biológico, desconsiderando aspectos sociais que definem a infância (Tebet, 2013).

Em James e Prout (1990) encontramos a discussão sobre um “paradigma emergente”, centrado em uma perspectiva de estudos cuja criança não é vista mais como ser incompleto e passivo da ação socializadora do adulto. Sem negar o componente biológico na criança, os autores argumentam que a infância é uma construção social, em que “a infância é construída e reconstruída para as crianças e pelas crianças³” (James; Prout, 1990, p. 7, tradução nossa). Nesse contexto, situam-se estudos que passam a olhar para criança não pela ausência de características, mas pela presença de singularidades, buscando compreender a criança em sua complexidade (Sarmiento, 2007).

Nessa perspectiva, Sarmiento (2003, p. 53-54, grifo do autor) sinaliza que é “da ordem da diferença e não do *deficit* que falamos, quando falamos do imaginário infantil, por relação com o dos adultos”. Assim, o autor chama a atenção para o conceito de “culturas da infância”, que aponta para a “capacidade das crianças em construir de forma sistematizada modos de significação do mundo e de ação intencional, que são distintos dos modos adultos de significação e ação” (Sarmiento, 2003, p. 54). Segundo o autor, a pluralização do conceito serve para destacar que as culturas infantis são produzidas de forma interdependente às culturas sociais, atravessadas por relações de classe, gênero, raça, entre outros. Em síntese,

³ No original: “childhood is both constructed and reconstructed both for children and by children”

A diferença geracional é, assim, historicamente construída, com efeitos na evolução do estatuto social e das representações sociais sobre as crianças. Ao dizermos isto, recusamos uma concepção ontogénica das culturas infantis e afastamo-nos de uma perspectiva que “naturaliza” os modos de percepção, representação e significação do mundo pelas crianças, gerado a partir de características desenvolvimentais específicas e realizadas no vazio social. Ao invés, as culturas da infância, sendo socialmente produzidas, constituem-se historicamente e são alteradas pelo processo histórico de recomposição das condições sociais em que vivem as crianças e que regem as possibilidades das interações das crianças, entre si e com os outros membros da sociedade. As culturas da infância transportam as marcas dos tempos, exprimem a sociedade nas suas contradições, nos seus estratos e na sua complexidade (Sarmiento, 2003, p. 54-55).

Diante desse contexto, Sarmiento (2007, p. 45) advoga que os estudos da infância não podem prescindir de certa “imaginação metodológica”, que faça da voz da criança “a expressão de uma alteridade que se conjuga na sua diferença face aos adultos”. Nesse sentido, acreditamos que a criação audiovisual infantil constitui-se como fenômeno capaz de promover alteridade com a infância, a partir de sua expressão artística.

CRIAÇÃO AUDIOVISUAL INFANTIL NO CINEMA DE ANIMAÇÃO

Conforme Buckingham (2010, p. 42), “infância contemporânea está permeada, em alguns sentidos até definidas, pela mídia moderna”, através da televisão, do vídeo, da Internet e de tantos outros elementos ligados à mídia e à cultura. Dessa forma, destaca-se como os conteúdos audiovisuais apropriados e reelaborados criativamente pelas crianças passam a integrar as culturas da infância (Nery, 2019).

Bragança (2022) evidencia essa perspectiva ao analisar, em um grupo de crianças, de que modo conteúdos midiáticos são mobilizados na construção de identidades e em diferentes práticas criativas, como brincadeiras, desenhos e narrativas. Nessas produções, as crianças não apenas reproduzem referências audiovisuais, mas as reelaboram e expandem inventivamente, incorporando universos ficcionais às suas próprias experiências. Desse modo, torna-se possível compreender como o consumo de produtos audiovisuais participa ativamente da constituição do imaginário e da subjetividade infantil, integrando-se às dinâmicas culturais próprias da infância.

Para além da dimensão do consumo, o cenário midiático contemporâneo tem ampliado as possibilidades de participação de crianças e jovens como produtores culturais. Conforme observa Augustowsky (2016), a expansão de projetos voltados à

criação audiovisual está relacionada a um contexto marcado pela maior disponibilidade, redução de custos e facilidade de uso dos dispositivos tecnológicos, o que viabiliza a realização de produções desde idades mais precoces. Ainda assim, a autora ressalta que o fenômeno não se explica apenas por fatores técnicos, pois envolve também intencionalidades formativas, metodologias de ensino, dinâmicas colaborativas e diferentes objetivos pedagógicos.

Ao discutir a constituição de uma pedagogia audiovisual, Augustowsky (2016) destaca tratar-se de um campo em consolidação, cujas formulações teóricas emergem em diálogo direto com as práticas educativas. A partir de levantamento bibliográfico, a autora organiza a aprendizagem audiovisual em três enfoques interligados.

A primeira relacionada pela autora, considera o cinema como arte, valorizando o processo criativo e a dimensão estética e expressiva. Nessa abordagem, o cinema proporciona um encontro com a alteridade e com a experiência criadora. Para Bergala (2008), trata-se de pensar o filme não como um objeto, mas como o rastro de um processo criativo. Bergala (2008) propõe assim o que denomina de “análise de criação”, um retorno imaginário às escolhas possíveis do realizador, valorizando o percurso inventivo e preparando o estudante para a etapa de criação, central para o autor.

O segundo enfoque considera o cinema como linguagem, defendendo uma alfabetização audiovisual que capacite crianças a interpretar e produzir criticamente mensagens midiáticas. Contudo, como lembra Ferrés (2014 *apud* Augustowsky, 2016), tal alfabetização não pode restringir-se ao domínio técnico, devendo abarcar também dimensões expressivas, críticas, estéticas e relativas à recepção.

Por fim, a terceira perspectiva entende o audiovisual como instrumento de inclusão social e ampliação de direitos, especialmente em contextos socioeducativos voltados a públicos vulnerabilizados. Nessa direção, a produção audiovisual pode fomentar o debate de questões como direitos humanos, gênero e diversidade (Xavier Filha, 2015). Como argumentam Migliorin e Pipano (2014), o cinema não se limita a denunciar desigualdades, podendo igualmente operar como espaço de invenção de novos mundos possíveis a partir do real.

No âmbito de projetos educativos voltados à produção audiovisual, observa-se que muitas iniciativas concentram-se na linguagem da animação (Augustowsky, 2016). Conforme destaca a autora, por não se restringir ao naturalismo da imagem fotográfica,

a animação oferece ampla liberdade inventiva, constituindo-se como forma expressiva particularmente potente para comunicar sentimentos, ideias, percepções e dimensões simbólicas da experiência. Ao recorrer a metáforas, alegorias e construções visuais não realistas, essa linguagem possibilita abordar temas sensíveis ou socialmente tensionados com maior flexibilidade do que a representação mimética. No campo educacional, a animação assume relevância pedagógica ao expandir os modos de expressão dos estudantes, permitindo que elaborem, de maneira literal ou simbólica, seus medos, desejos e reflexões em um espaço criativo aberto à experimentação.

Na criação com o cinema de animação, amplia-se a capacidade de dialogar com a imaginação e a ludicidade da criança. Neste contexto, insere-se a obra *No Caminho da Escola*, curta-metragem de animação realizado por crianças de Vitória - ES.

PROTOCOLO TEÓRICO-METODOLÓGICO

Este trabalho apresenta a análise do filme *No Caminho da Escola* em diálogo à discussão sobre a qualidade audiovisual voltada para o público infantojuvenil. O protocolo teórico-metodológico proposto por Borges e Sigiliano (2021) apresenta parâmetros para analisar a criação audiovisual, seu modo de circulação e a experiência estética promovida pela obra ao seu público. Neste artigo, formula-se a análise a partir da dimensão da criação audiovisual, por meio dos parâmetros definidos pelas autoras: plano da expressão, plano de conteúdo e mensagem audiovisual.

Na metodologia desenvolvida por Borges e Sigiliano (2021), os aspectos considerados no plano da expressão buscam analisar a forma como o produto é constituído por meio dos seus recursos técnico-expressivos, em termos visuais, sonoros, gráficos e de edição. Já no plano do conteúdo, são considerados aspectos para analisar a dramaturgia da obra, na composição de sua narrativa e de seus personagens. Após a caracterização do produto audiovisual, é realizada a análise da qualidade da mensagem audiovisual, a partir de cinco parâmetros principais.

Figura 1: Modelo de Análise da Criação Audiovisual



Fonte: Borges e Sigiliano (2021)

O primeiro parâmetro é a oportunidade, que analisa a pertinência dos temas e seu diálogo com a agenda midiática. O segundo é a ampliação do horizonte do público, verificando se a obra estimula reflexão, debate e novos repertórios culturais. Em seguida, observa-se a diversidade, considerando a representação de diferentes pontos de vista e grupos sociais em termos temáticos, culturais, políticos, socioeconômicos, étnicos, religiosos e de gênero. Também se examina a presença de estereótipos, avaliando se são reforçados ou desconstruídos, e de que modo isso impacta a recepção. Por fim, a originalidade/criatividade diz respeito à capacidade do produto de surpreender e inovar, explorando novas ideias, formatos e experimentações com a linguagem audiovisual (Borges; Sigiliano, 2021).

NO CAMINHO DA ESCOLA

No Caminho da Escola é um curta-metragem de animação, realizado por 90 alunos e alunas da rede municipal de ensino fundamental de Vitória - ES, no contexto de uma oficina oferecida pelo Projeto Animação do Instituto Marlin Azul. No filme, durante seu trajeto para a escola, uma menina faz uma viagem por planetas imaginários.

O filme começa com a protagonista, uma menina negra, saindo de casa apressada para pegar o ônibus escolar. Na lateral do ônibus, vemos o letreiro escrito “ônibus especial”, no entanto, quando o ônibus dá partida após a menina adentrá-lo, a letra “e”

cai e lemos “ônibus espacial”. As cenas da obra intercalam-se entre a técnica de animação em *stop-motion* com massinha e recortes de papel e de animação tradicional em desenho 2D. Durante toda a obra, escutamos a narração da protagonista, uma voz infantil que contextualiza a narrativa. Ao entrar no ônibus, a garota percebe o ambiente estranho, notando que o mesmo não estava bagunçado e agitado como de costume. Não demora muito para a menina perceber que o ônibus está viajando pelo espaço sideral.

O ônibus então faz uma parada num planeta tecnológico. Pela janela, a menina observa as características daquele lugar. Vemos desenhos de seres com corpos celulares e cabeças de telas, sobrepostos a um ambiente composto por fotos de componentes tecnológicos, como placas eletrônicas e cabos. A menina narra que naquele planeta ninguém precisava de se encontrar para conversar, pois todos tinham internet, e até os animais eram computadores. A menina imagina que seria legal viver lá, pois poderia jogar muitos jogos, uma vez que naquele planeta já existia o *Playstation 10*.

Então, um morador desse planeta entra no ônibus, um menino com um livro no lugar da cabeça. A menina senta-se ao seu lado para saber como era morar naquele planeta. O menino conta que o seu planeta, antigamente, era todo de papel, usava-se caneta e lápis, e as pessoas contavam histórias umas às outras. Em uma cena de *flashback* vemos os seres destes planetas com cabeças de livros e corpos de lápis, em um cenário no qual copas de árvores e nuvens são compostas por recortes de páginas de livros, mostrando como o planeta era ambientado anteriormente. No entanto, a chegada da tecnologia faz sucesso com as pessoas e logo ela passa a tomar conta de tudo, tornando o mundo barulhento e apressado. Ele não gostava muito de viver lá, e a menina também concluiu que sentiria falta dos seus livros de colorir e do seu cão.

Figura 2: Cenas do filme *No Caminho da Escola*



Fonte: *No Caminho da Escola* (2017)

O ônibus segue viagem pelas estrelas, até parar em um planeta com cheiro de festa de aniversário. Era metade doce e metade salgado. As árvores e as casas eram comestíveis e a menina pensou que seria ótimo viver ali, onde nunca haveria fome. Entra um menino com cabeça de brigadeiro, que faltava um pedaço pois alguém o tinha mordido. A garota senta ao seu lado e o menino explica que o seu planeta era de alimentos naturais e saudáveis, até descobrirem uma fonte de chocolate. Todos começaram a comer apenas doces e frituras, e os alimentos saudáveis passaram a cobrir seu corpo de chocolate ou entrar em banhos de fritura para tornarem-se mais atraentes naquele novo contexto. Ele confessa que às vezes as pessoas ficavam doidas e "perdiam a cabeça". Apesar de não entender o que o menino quis dizer, ela entende que ele não gostava tanto de morar naquele planeta e assim a menina reflete que apesar de gostar muito de fritura, sentiria falta de laranja, sua fruta preferida, da comida da mãe e principalmente da sua cabeça.

O ônibus parte novamente e faz a sua próxima parada em um planeta muito bonito, habitado por pessoas de todas as cores e tamanhos, conforme narrado pela protagonista. Nesse planeta vemos uma animação com a técnica de *pixilation*, em que crianças com uniforme da escola são animados quadro a quadro. Segundo a menina, aquela era um lugar equilibrado: alguns gostavam de comida saudável, outros nem tanto, mas todos

comiam de tudo, pelo menos um pouquinho. As pessoas usavam máquinas e tecnologias, mas também liam livros. A menina percebe então que retornou à Terra e que ela estava atrasada para a aula.

Ela conta então que por perder a primeira aula, a professora a repreende e manda um bilhete para a mãe. A menina reflete sobre como é bom viver na Terra, onde há um pouco de tudo: computadores e amigos, doces e salgados. Tirando essa semana, pois sua mãe a deixou de castigo por ter perdido a primeira aula, com uma semana sem computador e sem sobremesa.

Figura 3: Cenas do filme *No Caminho da Escola*



Fonte: *No Caminho da Escola* (2017)

Ao longo do filme, destaca-se a trilha sonora original, com variações de um tema musical que se adequa a diferentes contextos, como podemos escutar na inserção de batidas eletrônicas e sintetizadores durante a passagem do ônibus pelo planeta tecnológico. O desenho de som é construído na obra de forma a trazer verossimilhança às imagens fantasiosas, a partir da sonorização dos objetos e movimentos em cena.

No Caminho da Escola endereça, a partir de uma ambientação lúdica, temas pertinentes ao universo infantil, sendo o filme uma oportunidade para refletir sobre a alimentação saudável e o uso da tecnologia na infância. Sem assumir um tom moralista,

a obra apresenta uma perspectiva equilibrada sobre os temas, de forma a promover uma ampliação do horizonte do público ao tratar dessas temáticas pelo ponto de vista infantil e de seu imaginário.

No parâmetro originalidade/criatividade, é possível observar no filme uma experimentação com a linguagem audiovisual, na mobilização de diferentes técnicas de animação, como animação tradicional e digital 2D e o *stop-motion* com massinha, recorte de papel e *pixilation*. Nesse sentido, essa mescla de técnicas distancia a obra de um padrão estético estandardizado na forma de fazer animação observado em abundância no *mainstream*. Assim, somos convocados a construir novas relações sensíveis com a imagem, a partir de uma diversidade estética e sensorial.

Dessa forma, podemos destacar a imaginação como força motriz na narrativa e realização da obra, o que permite problematizar as concepções deficitárias do imaginário infantil, historicamente associadas à ideia de ausência ou insuficiência racional. Em oposição a tais perspectivas, que compreendem a imaginação como expressão de imaturidade ou de afastamento do real, o filme evidencia a capacidade das crianças de produzir leituras críticas e simbólicas sobre temas contemporâneos, como tecnologia, alimentação e consumo. A viagem interplanetária não configura fuga da realidade, mas um recurso narrativo que permite elaborar, por meio da metáfora e da fabulação, questões concretas do cotidiano infantil. Nesse sentido, a obra reafirma as crianças como produtoras de cultura, capazes de construir modos próprios de significar o mundo, articulando ludicidade, crítica e criação estética por meio do audiovisual.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na análise do curta *No Caminho da Escola* à luz do protocolo da qualidade audiovisual proposto por Borges e Sigiliano (2021), destaca-se a oportunidade de discutir temas pertinentes ao universo infantil a partir de seu ponto de vista, de forma a ampliar o horizonte do público, a partir de uma obra que demarca-se a originalidade/criatividade nos usos e apropriações da linguagem audiovisual. Além disso, a análise permite problematizar concepções deficitárias do imaginário infantil, evidenciando as crianças como produtoras de cultura, capazes de elaborar criticamente, por meio da fabulação e da experimentação estética, questões contemporâneas que atravessam suas experiências.

Por fim, aponta-se que o artigo integra uma pesquisa mais ampla, desenvolvida no Observatório da Qualidade no Audiovisual (PPGCOM/UFJF), que busca investigar os processos de criação de filmes de animação com crianças, promovendo uma interlocução com o debate sobre a qualidade audiovisual em obras infantis.

REFERÊNCIAS

ARIÈS, Philippe. **História social da criança e da família**. Tradução de Dora Flaksman. 2. ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1986.

AUGUSTOWSKY, Gabriela Paula. **La creación audiovisual infantil como práctica educativa: estudio de experiencias y discursos en contexto**. 2016. Tese (Doutorado em Educação) - Universidad Complutense de Madrid, Madrid, 2016.

BERGALA, Alain. **A hipótese-cinema. Pequeno tratado de transmissão do cinema dentro e fora da escola**. Rio de Janeiro: Booklink-CINEAD/LISE/UFRJ, 2008.

BORGES, Gabriela; SIGILIANO, Daiana. Qualidade Audiovisual e Competência Midiática: proposta teórico-metodológica de análise de séries ficcionais. In: 30º Encontro Anual da Compós, 30, 2021, São Paulo. **Anais [...]**, São Paulo: PUC-SP, 2021, p.1-26.

BRAGANÇA, Hermínia Fróes. **Audiovisual e criança: reconhecimentos, usos e apropriações**. 2022. 245 f. Tese (Doutorado em Cinema e Audiovisual) – Instituto de Arte e Comunicação Social, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2022.

BUCKINGHAM, David. **Crescer na era das mídias eletrônicas**. Tradução: Gilka Girardello e Isabel Orofino. São Paulo: Loyola, 2007.

BUCKINGHAM, David. Introducing identity. In: BUCKINGHAM, D. (Ed.). **Youth, identity, and digital media**. Cambridge: The MIT Press, 2008. p. 1-24.

BUCKINGHAM, David. Cultura Digital, Educação Midiática e o Lugar da Escolarização. Tradução de Ricardo Uebel. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 35, n. 3, p. 37-58, set./dez. 2010.

GIRARDELLO, Gilka Gilka; OROFINO, Isabel. Crianças, cultura e participação: um olhar sobre a mídia-educação no Brasil. **Comunicação Mídia e Consumo**, v. 9, n. 25, p. 73-90, 2012.

JAMES, Allison.; PROUT, Alan. A New Paradigm for the Sociology of Childhood? Provenance, Promise and Problems. In: JAMES, Allison; PROUT, Alan. **Constructing and Reconstructing Childhood: contemporary Issues in the Sociological Study of Childhood**. London and New York: The Farmer Press, 1990

MIGLIORIN, Cezar; PIPANO, Isaac. Cine, igualdad y escuela: la experiencia de Inventar con la Diferencia. In: **TomaUno**, Córdoba, n. 3, p. 199-207, 2014.

NERY, Patrícia Gonçalves. **Culturas da infância: os modos como as crianças assistem, interagem e dão sentidos às narrativas das séries de animação**. 2019. 247 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019.

NO CAMINHO DA ESCOLA. Direção: Alunos do Projeto Animação. Vitória: Instituto Marlin Azul, 2017. YouTube. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=Pq4ozAMeFAE>>. Acesso em 26 fev. 2026.

POSTMAN, Neil. **O desaparecimento da infância**. Tradução de Suzana Menescal de Alencar Carvalho e José Laurenio de Melo. Rio de Janeiro: Graphia, 1999.

SARMENTO, Manuel Jacinto. Imaginário e culturas da infância. **Cadernos de Educação**, Pelotas, n. 21, p. 51-69, jul./dez. 2003.

SARMENTO, Manuel Jacinto. Visibilidade social e estudo da infância. In: VASCONCELLOS, Vera Maria Ramos de; SARMENTO, Manuel Jacinto (Org.). **Infância (in)visível**. Rio de Janeiro: Junqueira&Marin Editores, 2007. p. 25-49.

TEBET, Gabriela. **Isto não é uma criança! Teorias e métodos para o estudo de bebês nas distintas abordagens da Sociologia da Infância de língua inglesa**. 2013. 154 f. Tese (Doutorado em Educação) – Centro de Educação e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2013.

XAVIER FILHA, Cristina. (2015). Brincar de fazer cinema: gênero, sexualidades e violência na produção de filmes de animação com crianças. **Revista Educação e Políticas em Debate**, 4(2), 329–343.